



CIÊNCIA, SEXUALIDADE E RELIGIÃO: DIZERES DA DOCÊNCIA NO ENSINO DE BIOLOGIA

Fátima Lucia Dezopa Parreira¹
Elenita Pinheiro de Queiroz Silva²

Resumo

Este texto é parte de uma pesquisa de doutorado e objetiva apresentar os discursos de sexualidade e gênero mobilizados por professores/as de Biologia, de uma escola pública, e verificar os entrelaçamentos de ciência e religião, nestes discursos. Ciência e religião produzem discursos que, em rede afetam as pessoas. Esta rede reverbera sobre sexualidade na escola, mas também se constitui nela. Este recorte exprime os dizeres de docentes de Biologia, a partir de entrevistas. A análise, estruturada por estudos foucaultianos revela o discurso da Biologia, nos dizeres docentes e sua conexão, ora aliada, ora conflitante com discursos da religião. Como aliança, o culto ao corpo saudável; os conflitos residem em temas como aborto, contracepção, virgindade, celibato e sexo extraconjugal.

Palavras-chave: Sexualidade. Religião. Ensino de Biologia.

Introdução

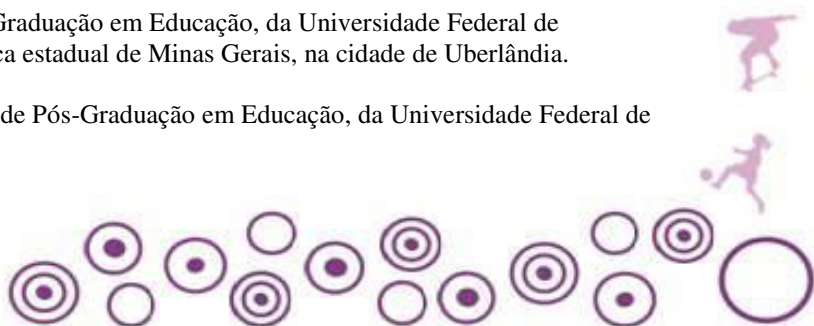
Este texto é parte de uma pesquisa de doutorado que objetiva mapear o entrelaçamento dos discursos religioso e científico que atravessam os debates sobre sexualidade e gênero no espaço escolar, no ensino de Biologia.


As pessoas, na convivência social, imprimem culturas; compartilham e questionam comportamentos, costumes, normas, crenças. Neste universo de múltiplas experiências, a sexualidade, a ciência e a religião estruturam relações, produzem discursos.

Nas escolas, como em outros espaços de vivência humana, os/as adolescentes são capturados/as pela rede de discursos da ciência e da religião, sobre sexualidade. Docentes, também revelam seus posicionamentos acerca da sexualidade, estranhamente localizada fora de seus corpos, situada tão somente nos/as adolescentes. Posturas politicamente potentes para apresentar a sexualidade como condição a ser espreitada, posta sob suspeição.

¹ Doutoranda em educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Uberlândia. Professora de Biologia da rede pública estadual de Minas Gerais, na cidade de Uberlândia. (fatima_dezopa@yahoo.com.br)

² Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Uberlândia. (elenita@ufu.br)





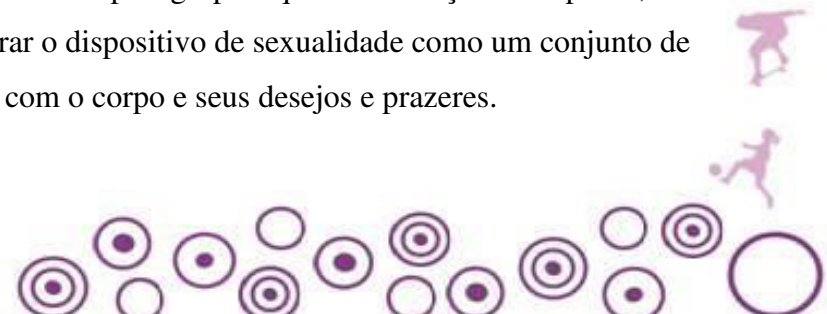
A escola torna-se, neste contexto, importante meio de produção e veiculação de discursos no campo da sexualidade, tanto dos/as estudantes quanto dos/as profissionais que ali atuam. Professores/as, com seus valores pessoais, muitas vezes amparados por crenças religiosas, vão conviver nas escolas com estudantes que também apresentam diferentes pontos de vista quanto à religião e suas práticas, no que tange à sexualidade. A Biologia, disciplina instituída como voz autorizada a falar de sexualidade, tanto pela sociedade, quanto pelos documentos que orientam a organização dos currículos nas escolas, é convocada a esse debate.


Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo levantar os discursos sobre sexualidade e gênero mobilizados pelos/as professores/as de Biologia, de uma escola pública estadual, em Minas Gerais e verificar as possíveis ocorrências e entrelaçamentos de ciência e religião, nestes discursos.

Sexualidade, ciência e religião

Este texto apresenta a sexualidade como produto de várias instâncias ao longo da história da humanidade, afastando-se a ideia de sexualidade como condição dada e naturalmente afixada ao corpo, ou ainda como determinismo biológico. O entendimento de uma gênese da sexualidade, que tem lugar na história e na cultura dos povos, ancora-se no conceito foucaultiano de sexualidade como dispositivo ou “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 2012b, p. 364).

Proferida em rede de elementos heterogêneos, produzidos em campos como a filosofia, a medicina, a psicologia e a religião, a sexualidade se faz dispositivo. Esses elementos conectam-se em alianças, mas também protagonizam tensões e conflitos. Um dispositivo tem intenções. Sua gênese não se dá acidentalmente, não decorre do acaso, mas atende a propósitos bem estabelecidos. “Entendo dispositivo como um tipo de formação que, em determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante” (FOUCAULT, 2012b, p. 365). O dispositivo opera sobre espaços, épocas e populações específicas, respondendo a uma demanda de caráter emergencial e defendida por grupos que nas relações de poder, se sobressaem. Isso posto, é válido considerar o dispositivo de sexualidade como um conjunto de estratégias produtoras de modos de lidar com o corpo e seus desejos e prazeres.





Esse dispositivo passa a operar com vivacidade a partir do século XVII, época em que assume a cena o indivíduo da Modernidade, que precisa se adequar às urgências da burguesia em ascensão, como a necessidade de mão de obra para o trabalho nas fábricas e no comércio. Com estas exigências, a população egressa do campo precisou adquirir hábitos condizentes com uma existência no contexto urbano. Os corpos, antes rudes e transgressores, tornaram-se moldáveis; o disciplinamento dos corpos, com vistas a dar-lhes uma utilidade, vale-se do dispositivo da sexualidade e é operado a todo tempo por instituições como a igreja, escola, o quartel, a fábrica (FOUCAULT, 2014).

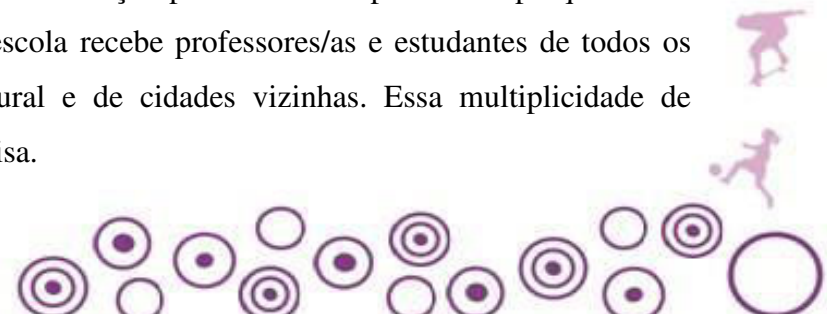
Os corpos são moldados a conter seus desejos, a retrain suas manifestações de prazer. A religião foi uma das grandes instâncias aliadas nessa produção de corpos disciplinados. A moral cristã, que Foucault nomeia como “um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as Igrejas, etc.” (2009, p. 33), estabelece condutas para a vivência do sexo e ao fazê-lo, produz a ideia de corpo forte, saudável, útil, enfim, ao trabalho e ao mercado. Nesse imperativo, a religião vale-se de elementos da ciência, ao defender o corpo saudável a partir da contenção dos desejos, do refreamento ao gozo dos prazeres.


Os sussurros, as proibições em torno do sexo e suas práticas, assim como as explicações científicas para as fugas a estas proibições e as recomendações de prudência com a saúde sexual para a plena saúde física e mental do corpo, revelam o quanto a sociedade, ainda hoje ocupa-se da sexualidade, a partir de campos como a ciência e a religião. Essa habilidade das religiões judaico-cristãs de mobilizar as pessoas em torno do sexo, quando supostamente não estão dizendo dele, remete ao que Foucault (2012a) denomina de poder pastoral.

Caminhos da pesquisa

Esta pesquisa qualitativa parte do pressuposto de que na escola há alianças, conflitos e tensões na interface sexualidade, ciência e religião. O aporte teórico ancora-se especialmente no diálogo com obras de Michel Foucault.

O campo desta investigação é uma escola pública de Ensino Médio da rede estadual em Minas Gerais. Trata-se da instituição de atuação profissional da professora-pesquisadora. Com localização central, na cidade, a escola recebe professores/as e estudantes de todos os bairros da região urbana, da região rural e de cidades vizinhas. Essa multiplicidade de pessoas, adequa-se ao perfil desta pesquisa.





O presente texto apresenta os dados produzidos a partir das entrevistas com docentes de Biologia. Além da professora-pesquisadora, há na escola, cinco professoras e dois professores de Biologia. Uma professora, recusou-se a participar e se justificou, alegando ser conservadora e não dispendo de condições para um diálogo dessa natureza. Um dos professores ausentou-se por motivos de saúde e sua substituta concedeu a entrevista. Buscar por encontros de memórias e esquecimentos é o pressuposto para o uso da entrevista; potências para a revelação de histórias que são partes de outras histórias.

Vozes da docência na escola – a Biologia fala de sexualidade

As pessoas participantes da pesquisa são quatro professoras e um professor, a tabela abaixo traz alguns dados sobre seus perfis.

Tabela 1: Perfil das professoras e do professor

Docente	Idade	Tempo de docência	Religião
Professora P1	27 anos	5 anos	Espírita Kardecista
Professora P2	29 anos	7 anos	Evangélica – IURD*
Professor P3	39 anos	18 anos	Católica
Professora P4	47 anos	20 anos	Católica
Professora P5	48 anos	20 anos	Católica

*Igreja Universal do Reino de Deus

Na conversa, o professor e as professoras são estimulados a comentarem sobre a discussão de sexualidade, corpo e gênero na Educação Básica. As repostas foram:

Bom, eu faço sim essa discussão. Mas, eu vejo que é algo que é oportuno dentro do tema que eu trabalho. Eu dou o conteúdo de fisiologia humana, então, eu trabalho. (P1)

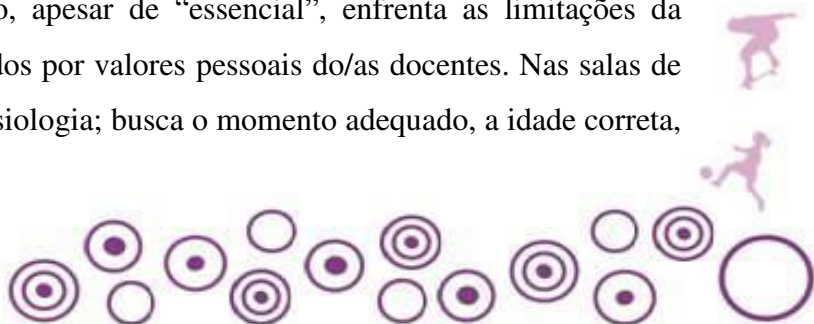
A gente trabalha muito na Biologia com a maturidade sexual do corpo, mas não trabalha com a maturidade psicológica do corpo. Então, o gênero em si, a questão do masculino, feminino, etc., está relacionado à maturidade psicológica da pessoa. (P2)


A discussão, durante minhas aulas começa da parte técnica, do funcionamento, dos efeitos fisiológicos, passa pelo aspecto social, da escolha e da liberdade social que cada família dá. (P3)

Acho que tem um momento para levar esse tipo de discussão. (P4)

Essencial. Não tem jeito de fugir dela. Mas, às vezes, o professor não se sente preparado, então vai se limitar a falar sobre os órgãos e as suas funções. (P5)

As falas das professoras e do professor revelam o quanto a escola reverbera o dispositivo de sexualidade. A discussão, apesar de “essencial”, enfrenta as limitações da formação docente e/ou conflitos motivados por valores pessoais do/as docentes. Nas salas de aula, a Biologia trata da anatomia e da fisiologia; busca o momento adequado, a idade correta,



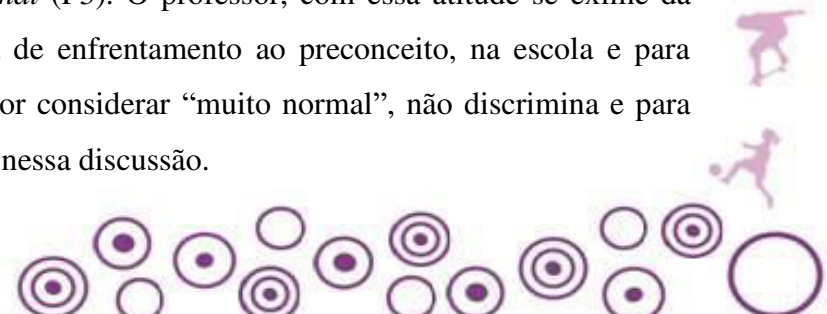



de “maturidade psicológica” e respeito aos valores de cada família. A discussão, não acontece ou entrecorta-se de nuances produzidas em vários espaços da vivência humana. Ao priorizar a anatomia e a fisiologia, a saúde e a prevenção, o corpo saudável, livre de doenças, deixando em segundo plano ou mesmo eliminado a discussão das dimensões de gênero, a escola reveste-se de aparente neutralidade; cala-se diante da violência, reforça estereótipos e preconceitos.

Para além dos cursos de licenciatura, as professoras e o professor reconhecem o exercício da docência como espaço para a formação docente, assim como a Internet, e a religião. As demandas dos/as estudantes, conduzem os/as docentes ao estudo e reflexão sobre estas questões. A Internet, pelo acesso fácil aos textos de natureza científica e publicações voltadas para a área de educação, torna-se fonte de dados citada. Programas voltados para a formação inicial e/ou continuada também são lembrados por uma das professoras (P5), a qual, com vinte anos de docência, passou por momentos de formação continuada, no campo de sexualidade e gênero, como o Peas Juventude, da Secretaria de Educação de Minas Gerais. O PIBID (Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação à Docência), também foi citado como momento de formação no campo, em virtude das demandas colocadas pelas escolas para os/as bolsistas do programa.

A religião como espaço formativo para questões de sexualidade é claramente posta nos dizeres de uma da professora P2, evangélica da Igreja Universal do Reino de Deus. Esta instituição, abandonou parte do rigor das religiões protestantes mais tradicionais, “permanece, porém, a interdição ao consumo de álcool, tabaco e drogas e ao sexo extraconjugal e homossexual” (MARIANO, 2004, p. 124). Uma ação desta igreja no sentido de orientar jovens e outras pessoas com problemas ou não, no campo da afetividade e sexualidade é “*um culto que chama Terapia do Amor, porque é focado na vida sentimental*” (P2). A fala da professora demonstra que há intenção da igreja de controlar os afetos e comportamentos das pessoas, nesse campo. Merece destaque o nome “terapia”, termo emprestado da ciência e que se refere a tratamento e cura. A busca pelo corpo saudável, física e mentalmente, além do padrão heteronormativo estão postos.

A religião como espaço formativo também é percebida na fala do professor, que se declara “católico fervoroso” e emenda “*Então, eu nunca discuti gênero na sala e não vou, porque eu trato de maneira muito normal*” (P3). O professor, com essa atitude se exime da responsabilidade posta para a docência de enfrentamento ao preconceito, na escola e para além dela. Em seu entendimento, P3, por considerar “muito normal”, não discrimina e para ele, esse é todo o papel que lhe compete nessa discussão.





Paradoxalmente a estas posições apresentadas, em comum, P2 e P3 demonstram preocupações com os/as estudantes quanto às aflições, aos preconceitos e às violências que possam sofrer em relação ao corpo, à sexualidade e ao gênero. O professor e a professora aparentam se equilibrar numa rede de exigências: de uma parte, a religião, que interdita a homossexualidade, o sexo extraconjugal, determinados métodos contraceptivos e o aborto; de outra parte, a ciência, que, a partir da Biologia constitui seus saberes docentes e que em nada se opõe a estas questões.

As professoras e o professor esforçam-se para atender os estudantes em suas demandas acerca de corpo, sexualidade e gênero. Essa discussão ocorre com forte viés biológico, mas também se apoia em valores defendidos pela religião. Assume a cena a Biologia e deixa alguma brecha para espaços de discussão que estejam na cultura, porém, estes espaços são majoritariamente ocupados por um único aspecto cultural: a religião. Formando alianças ou se confrontando, a ciência e a religião seguem, na escola, como na sociedade, produzindo discursos.

Considerações finais

Professoras e professor têm a Biologia como principal aporte para a discussão de corpo e sexualidade, entretanto, admitem que sua formação se dá também no exercício da docência e deixam transparecer outros espaços de constituição nessa temática. Um destes espaços é a religião, que acaba trazendo-lhes o desafio de equilibra-se entre os preceitos religiosos e as recomendações para o exercício da docência em instituição pública, mantida por um Estado que assume e recomenda rigor e atenção com a laicidade.

Estabelecem-se alianças entre ciência e religião. A mais evidente é o culto ao corpo anatómica, fisiológica e mentalmente saudável, que pode ser obtido pela ação conjunta entre ciência-medicina-psicologia e religião. A ciência esclarece sobre os riscos dos exageros, notadamente no campo da sexualidade; a religião se encarrega de afastar as pessoas destes riscos.

Embora os discursos da ciência e da religião coexistam nos dizeres das professoras e do professor, com maior ou menor intensidade, quase sempre, a relação entre estes discursos é de conflito, como em relação ao aborto, sexo extraconjugal, contraceptivos, virgindade e celibato.





Referências

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II** – O uso dos prazeres. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V: Ética, sexualidade, política**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2012a.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012b.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 121-138, set./dez. 2004.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

